

# Língua de Sinais e Fonoaudiologia\*

Ana Claudia B. Lodi

Fonoaudióloga Clínica.  
Mestre em Distúrbios da  
Comunicação pela PUCSP.  
Professora da Faculdade de  
Fonoaudiologia da PUCSP na  
Habilitação EDAC.

Kathryn M. P. Harrison

Fonoaudióloga Clínica.  
Mestre em Distúrbios da  
Comunicação pela PUCSP.  
Professora da Faculdade de  
Fonoaudiologia da PUCSP.  
Diretora de Clínica da  
DERDIC/PUCSP.

\*Parte deste artigo foi apresentado na Mesa Redonda: Sinais e Fala: suas possibilidades do III Simpósio sobre Comunicação – DEDIC – Pensando a Surdez, em outubro de 1998.

Atualmente muito se tem discutido a respeito de uma educação bilíngüe para os Surdos, e várias questões têm sido levantadas com relação ao lugar da fonoaudiologia.

Estes questionamentos decorrem de dois fatores. O primeiro deles refere-se à própria ideologia da educação bilíngüe que propõe um modelo educacional que difere do modelo clínico/terapêutico utilizado, há mais de um século, na educação dos Surdos, e no qual o fonoaudiólogo tem um papel fundamental.

O outro fator está relacionado ao posicionamento majoritário na fonoaudiologia, que vê o fonoaudiólogo como um profissional que tem, como preocupação central, as questões relativas à fala e ao treinamento auditivo dos Surdos. Melhor dizendo, o fonoaudiólogo como reabilitador dos “deficientes auditivos”, vistos como incompletos frente ao modelo de normalidade ouvinte concebido como padrão. Este profissional, as-

sim considerado, tem um trabalho que contraria os princípios básicos do modelo bilíngüe de educação dos Surdos, posicionando-se numa prática clínica que desrespeita a diferença destes indivíduos, sua língua e cultura.

A nosso ver, a permanência da fonoaudiologia neste lugar é fruto de alguns pressupostos que necessitam ser discutidos e revistos.

Primeiramente, há uma dificuldade na própria área da fonoaudiologia em compreender a questão da Língua de Sinais, surdez e pessoa Surda de forma diferente da tradicional. Presos à concepções da surdez como uma patologia, alguns profissionais ainda consideram os Sinais como uma forma incompleta e inferior de expressão. Assumem que somente a língua oral permite os processos mais refinados de uma língua tornando-se, portanto, fundamental a realização de um trabalho auditivo e de fala. Consideram que a Língua de Sinais não é uma língua completa, capaz de levar os indivíduos à linguagem e descaracterizam o papel do fonoaudiólogo, caso este adote o uso de Sinais em suas terapias. Argumentam que, se a Língua de Sinais fosse suficiente para o desenvolvimento dos Surdos, não haveria razão para a presença de um trabalho fonoaudiológico com estes indivíduos.

O mesmo decorre por parte dos profissionais da educa-

ção que também acreditam na importância da oralidade para o desenvolvimento dos Surdos. Estes educadores vinculam oralização com aprendizado da língua escrita, tornando-se fundamental um trabalho fonoaudiológico, conforme comentado anteriormente.

Um outro ponto a ser discutido refere-se ao posicionamento de alguns profissionais que defendem o modelo bilíngüe de educação para Surdos, por compreenderem o Surdo e sua educação de forma distinta. Nesta concepção, o Surdo deixa de ser visto a partir de uma patologia, e passa a ser considerado em sua diferença. Isto é, como pertencente a uma comunidade minoritária, de usuários da Língua de Sinais, com as mesmas capacidades e potencialidades de qualquer indivíduo ouvinte (Skliar, 1996; Harrison, Lodi, de Moura, 1997; Veinberg, 1997).

Este novo olhar para os Surdos levou estes profissionais a defenderem a proposta educacional bilíngüe, apoiada pela comunidade de Surdos e que pressupõe o reconhecimento ao direito de aquisição da Língua de Sinais, ponto central para o desenvolvimento dos processos identificatórios pessoais, sociais e culturais, "a partir do respeito e do reconhecimento de sua singularidade e especificidade humana" (Skliar, 1996).

Neste modelo sócio-antropológico de educação, a fonoaudiologia é excluída, porque ele se desvincula do modelo clínico/terapêutico de educação, onde a preocupação está

centrada em métodos de comunicação com um indivíduo portador de uma deficiência, mais do que ao respeito à diferença.

Nós compartilhamos dos pressupostos deste modelo sócio-antropológico de educação dos Surdos e das concepções de surdez e de pessoa Surda em que ele se baseia. Entretanto, acreditamos que possamos trazer algumas contribuições no que se refere à fonoaudiologia.

**"Partimos do pressuposto que a Língua de Sinais é uma língua completa e a única capaz de propiciar a entrada dos indivíduos Surdos na linguagem e que à criança surda deve ser dado o direito de adquirir uma primeira língua, de constituir-se como sujeito lingüístico da mesma maneira como esta oportunidade é oferecida à criança ouvinte".**

### **A respeito da Língua de Sinais, da surdez e da pessoa Surda**

Antes de iniciarmos nossas considerações quanto a fonoaudiologia, achamos necessário explicitar nossas concepções no que se refere à Língua de Sinais, Surdo e surdez.

Muito do que será dito está contemplado nos pressupostos básicos do modelo bilíngüe de educação de Surdos, e alguns deles já foram comentados anteriormente. Entretanto, acreditamos que estes devam ser enfatizados já que servirão como base para a discussão a que nos propomos neste artigo.

Partimos do pressuposto que a Língua de Sinais é uma língua completa e a única capaz de propiciar a entrada dos

indivíduos Surdos na linguagem e que à criança surda deve ser dado o direito de adquirir uma primeira língua, de constituir-se como sujeito lingüístico da mesma maneira como esta oportunidade é oferecida à criança ouvinte. Não temos a menor dúvida de que a única língua capaz de propiciar este desenvolvimento lingüístico pleno dos indivíduos Surdos é a Língua de Sinais. Esta seria, então, a primeira língua dos Surdos (Lodi, Harrison, 1998).

O fato da maioria das crianças Surda serem "frutos" de famílias ouvintes, impõe a necessidade de que elas sejam

expostas à Língua de Sinais em um ambiente que valorize esta língua. Isto porque suas famílias pouco conhecem de surdez, de pessoas Surdas e de sua língua, e despendirão certo tempo até terem fluência na Língua de Sinais e poderem compreender as implicações da condição de ser Surdo. Este ambiente é o de uma escola para Surdos em que a Língua de Sinais é reconhecida e valorizada e na qual trabalham adultos Surdos fluentes nesta língua, que serão seus professores, monitores ou instrutores, e **principalmente**, modelos positivos com quem a criança pode se identificar na sua diferença.

Como escrevem de Moura, Lodi e Harrison (pag 345,1997) "Desta forma, a criança não apenas terá assegurada a

*aquisição e desenvolvimento de linguagem, como a integração de um autoconceito positivo. Ela terá a possibilidade de desenvolver sua identidade como uma representação de integridade, não como a de falta ou de deficiência. Ela terá modelos de adultos Surdos com os quais poderá se identificar, podendo se perceber como capaz e passível de vir a ser. Ela não terá que ir atrás de uma identidade que ela nunca consegue alcançar: a do ouvinte."*

A Língua de Sinais, adquirida como primeira língua, será utilizada pelas crianças como o instrumento necessá-

• pessoa Surda, educação de Surdos, Língua de Sinais e oralidade.

• É justamente neste processo de reposicionamento da fonoaudiologia em relação ao trabalho com Surdos que queremos trazer nossas contribuições e para isto, falaremos um pouco de nossa prática.

• O que iremos descrever a partir de agora, refere-se à nossa prática atual, neste momento em que o processo educacional está passando

logo no trabalho com Surdos, porém a uma nova clínica.

**Questões para a clínica fonoaudiológica**

Quando falamos em fonoaudiologia durante todo este texto, estamos tendo como referência a clínica fonoaudiológica, lugar de onde partem nossas discussões e reflexões a respeito de nossa prática. Nesta clínica, a escuta da demanda daqueles que nos procuram é fundamental.

Geralmente, os pais procuram as clínicas fonoaudiológicas a partir do momento em que o diagnóstico da surdez é realizado. A demanda inicial, é a de que realizemos um trabalho voltado para o desenvolvimento das habilidades orais da criança. Acolhemos a demanda feita pelos pais, porque embora tenhamos como ponto de partida a necessidade da aquisição da Língua de Sinais pela criança Surda, não descartamos a oralidade em sua importância social para o Surdo, pois ele terá que se relacionar com pessoas que não conhecem a Língua de Sinais (em geral pessoas da própria família). Ao mesmo tempo, não podemos fugir da triste constatação de que nossa sociedade ainda está despreparada e é preconceituosa frente à aceitação de grupos minoritários — de diferentes. Entretanto, esta oralidade é olhada a partir de um outro ângulo; a de uma língua de igual valor que à de Sinais, que poderá se desenvolver desde que baseada na aquisição de uma primeira língua.

**"O questionamento do trabalho fonoaudiológico é positivo e necessário, pois a permanência ou exclusão deste trabalho dependerá de uma redefinição profunda de seu olhar em relação à surdez, pessoa Surda, educação de Surdos, Língua de Sinais e oralidade."**

rio para que possam realizar uma leitura do mundo de forma singular, refletindo e comparando com a dos outros; para a aquisição de conteúdos curriculares, no conhecimento de sua Cultura e na comunicação entre a criança e seus colegas, professores, equipe da escola e com seus pais. Esta primeira língua será a base para o aprendizado de outras línguas, incluindo aqui o português, tanto em sua modalidade escrita como oral.

Partindo destas concepções, achamos coerente que se questione o trabalho fonoaudiológico. Este questionamento é positivo e necessário, pois a permanência ou exclusão do trabalho fonoaudiológico dependerá de uma redefinição profunda de seu olhar em relação à surdez,

• por um período de transição — que esperamos continue caminhando em direção à adoção do modelo bilíngüe de educação de Surdos.

• Porém, infelizmente, este movimento está ocorrendo em instituições isoladas, ficando ainda grande parte da educação para Surdos, em nosso país, fora destas discussões. Isto acarreta, ao fonoaudiólogo que comunga de nossas concepções, a sobreposição de algumas das funções que caberiam originalmente à escola.

• À medida em que mais e mais escolas passem a modificar seus pressupostos educacionais, o trabalho que estamos desenvolvendo neste momento, deverá ser novamente revisto. Isto não se refere à exclusão do fonoaudió-

**“...a oralidade se torna vazia se não estiver assentada sobre uma base lingüística verdadeira, fato que ocorre quando a Língua de Sinais é desde cedo apresentada à criança e adquirida como primeira língua.”**

Conversar com os pais sobre a surdez e o desenvolvimento das crianças Surdas é o primeiro passo a ser dado e, neste momento, é importante abordar a necessidade da Língua de Sinais, na dimensão de primeira língua, como fundamental para o desenvolvimento desta criança. A preocupação dos pais no que se refere ao desenvolvimento da oralidade deve também ser considerada, e é importante esclarecê-los de que a oralidade se torna vazia se não estiver assentada sobre uma base lingüística verdadeira, fato que ocorre quando a Língua de Sinais é desde cedo apresentada à criança e adquirida como primeira língua.

Muitas vezes, os pais se assustam com a perspectiva de seu filho “fazer gestos” (como eles mesmos dizem), porque escutaram comentários negativos a este respeito, já que as concepções que nortearam o trabalho com Surdos há muitos anos estão profundamente enraizadas na nossa cultura. Porém, o fato de acreditarmos e conhecermos a Língua de Sinais faz com que possamos ter clareza de sua importância para as crianças, para melhor esclarecer os pais, ao mesmo tempo em que incentivamos seu contato com a Comunidade de Surdos e o aprendizado da Língua de Si-

nais para a comunicação com seu filho.

Se os pais acreditam que este é o melhor caminho para seus filhos, podemos construir juntos o processo de aquisição de linguagem desta criança a partir da clínica fonoaudiológica.

A relação lingüística que vai se estabelecendo com o fonoaudiólogo, que significa as primeiras elocuições em Sinais ou orais desta criança, faz com que o olhar destes pais para sua criança se altere.

Ao aceitar qualquer tentativa de comunicação, por vezes sinais mal articulados, por outras, uma vocalização ininteligível como marca que ali está um ser da linguagem, o fonoaudiólogo leva os pais a perceberem que Sinais e vocalizações podem ser interpretados, como todo choro e balbúcio do bebê ouvinte é também significado.

Este trabalho faz com que os pais venham a enxergar seu filho de forma diferente, possam “falar” para ele e sobre ele, criando um elo de semelhança entre eles, abrindo espaço para o que esta criança tem a dizer, restabelecendo aquela relação por vezes quebrada desde o diagnóstico da surdez.

A oralidade que os levou ao nosso consultório, começa a ser percebida como “se-

cundária” neste momento. A sinalização que começa a ser desenvolvida pela criança como forma de comunicação passa a ganhar um outro status: a de uma Língua, que poderá levar aquela criança inicialmente fragilizada pela total falta de comunicação, a um desenvolvimento lingüístico completo.

Uma outra vertente que pode ser explorada pelo fonoaudiólogo é a de propiciar, dentro do espaço terapêutico, a interação de um adulto Surdo fluente em Língua de Sinais com a criança, observada pelos pais. Esta situação pode ocorrer nos casos de crianças muito pequenas que ainda não vão à escola ou naquelas situações onde a criança frequenta uma escola onde ainda não existe a presença do Surdo adulto.

A relação com o adulto Surdo tem efeito direto sobre a criança, pela riqueza das situações lingüísticas que ocorrem, que potencializam o desenvolvimento de linguagem, e pela possibilidade da criança ter uma outra figura adulta com quem possa se identificar.

Para os pais, a presença do Surdo adulto tem, no mínimo, dois efeitos indiretos.

Em primeiro lugar, o fato de conhecerem um indivíduo que passou e passa por muitas situações que sua criança



enfrenta e irá enfrentar, favorece aos pais imaginarem novas possibilidades para ela, na medida em que podem fazer perguntas e rever seus pressupostos a respeito da surdez.

Em segundo lugar, o fonoaudiólogo, ao criar a oportunidade dos pais observarem a relação lingüística estabelecida entre a criança, o Surdo adulto e o próprio fonoaudiólogo, gera um espaço para que as diferenças existentes entre a língua oral e a Língua de Sinais, assim como da Língua de Sinais e das formas sinalizadas da língua oral (mais próximas ou mais distantes da Língua de Sinais), possam ser explicitadas e discutidas.

É importante que os pais possam reconhecer estas diferenças e entender que Língua de Sinais e língua oral são línguas diferentes, de igual valor, e que as formas sinali-

zadas da língua oral ou as formas oralizadas da Língua de Sinais são tentativas facilitadoras de comunicação, mas não línguas.

Durante este processo, os pais vão se tornando mais seguros, inclusive para "improvisar" em sua comunicação diária com a criança, porém, cientes quanto a forma de comunicação utilizada, de sua falta de domínio na Língua de Sinais. Não buscam transparências inexistentes entre as duas línguas e não inferiorizam uma em detrimento da outra, mas procuram discutir e entender estas diferenças.

Para isto, o fonoaudiólogo que trabalha com Sinais deve estar preparado e conhecer profundamente estas diferenças, independente da presença ou não do Surdo adulto no espaço clínico. Esta formação depende de muito estudo, da

convivência com Surdos usuários da Língua de Sinais, da manutenção de um olhar crítico quanto sua própria forma de comunicação, e, essencialmente, de uma mudança de olhar quanto a surdez e aos indivíduos Surdos.

No que se refere à oralidade, num momento inicial, a criança é exposta a ela de forma incidental. Não é realizado nenhum trabalho específico quanto aos aspectos articulatórios. Entretanto, a oralidade é aceita e significada conforme surja espontaneamente.

Num segundo momento, o trabalho com a língua oral, passa a ser desenvolvido tendo como base a Língua de Sinais, um trabalho voltado às comparações entre as línguas.

No caso daquelas crianças que não tiveram a oportunidade de adquirir a Língua de Sinais como primeira língua, nosso trabalho volta-se para a valorização, conhecimento e apropriação da Língua de Sinais.

Nestes casos, a nossa preocupação centra-se no desenvolvimento de pelo menos uma língua, através da qual esta criança poderá significar o mundo e se significar. A oralidade não será enfatizada, mas pode ser explorada.

Desenvolver um trabalho tendo como base a Língua de Sinais, significa, para nós, focar as relações entre esta língua e o Português falado e escrito, em aspectos tais como: um sinal pode se referir a uma expressão inteira do português; uma palavra pode ter mais de um Sinal, depen-

**“Este trabalho faz com que os pais venham a enxergar seu filho de forma diferente, possam “falar” para ele e sobre ele, criando um elo de semelhança entre eles, abrindo espaço para o que esta criança tem a dizer, restabelecendo aquela relação por vezes quebrada desde o diagnóstico da surdez.”**

dendo do contexto em que for usada; as relações mais sutis entre os elementos formadores dos Sinais e os elementos formadores das palavras; as diferenças que marcam as duas línguas, entre outros.

Achamos necessário esclarecer que em nenhum momento a realização deste trabalho visa o pareamento termo a termo entre as línguas, o que levaria a uma simplificação e a uma redução de ambas a um código lingüístico irreal. O trabalho com a língua oral deve ser feito dentro do contexto da própria língua, mantendo-se seu sentido e as expressões que lhes são próprias.

A Língua de Sinais, como já mencionado anteriormente, é a base lingüística para este trabalho, ou seja, as comparações, os conteúdos e conceitos são desenvolvidos a partir dela para se ter acesso à língua oral.

## Conclusão

Com esta breve exposição de nossa prática clínica esperamos ter contribuído para mostrar que a clínica fonoaudiológica, se revista em seus pressupostos básicos, pode

ser uma aliada neste período de repensar educacional e neste processo de reconhecimento e valorização das Línguas de Sinais e de respeito ao Surdo.

Fazemos parte de um corpo de profissionais que tem, historicamente, uma marca na educação dos Surdos. Acreditamos que se não houver um reposicionamento da área no que se refere à aceitação dos Surdos enquanto uma minoria lingüística e cultural, a fonoaudiologia estará contribuindo para a manutenção do “status quo” vigente. Somente o rever crítico de concepções e de papéis poderá transformar a clínica fonoaudiológica em um espaço em que os Surdos, que quiserem dela se beneficiar, tenham respeitadas suas particularidades, sua identidade cultural e sua língua.

Desta forma, estaremos caminhando lado a lado a uma nova pedagogia, ou seja, uma educação construída com e para os Surdos.

Esta parceria tem um papel importante se levarmos em conta o momento atual de organização e fortalecimento da Comunidade Surda na luta por seus direitos.

## Referências Bibliográficas

DE MOURA, M.C.; LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P. — *História e Educação: o Surdo, a Oralidade e o Uso de Sinais*. In Lopes F<sup>o</sup>, O. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Roca, 1997.

HARRISON, K.M.P.; LODI, A.C.B.; DE MOURA, M.C. — *Escolas e Escolhas: Processo Educacional dos Surdos*. In Lopes F<sup>o</sup>, O. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Roca, 1997.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P. *Considerações sobre um lugar possível para a Língua de Sinais e a oralidade na clínica fonoaudiológica*. Trabalho apresentado no III Simpósio sobre Comunicação — DERDIC — Pensando a Surdez, outubro de 1998.

SKLIAR, C. *Acerca de la educación de los sordos en el contexto general de la educación: variables intervinientes en la planificación gestión y seguimiento de la educación bilingüe*. In *El Bilingüismo de los Sordos*, vol 1, n<sup>o</sup>2, 4-6, 1996.

VEINBERG, S. — *Perspectiva socio-antropológica de la sordera*. In *El Bilingüismo de los Sordos*, vol 1, n<sup>o</sup>3, 37-44, 1997.